

Carta a Gastão Penalva

“Gastão Penalva, o brilhante ourives do pensamento no imenso filão de ouro inculto das nossas letras, acenou-me da sua tenda de trabalho, enviando-me, pelas colunas do *Jornal do Brasil*, de 4 deste mês, uma carta carinhosa e comovedora, em cujas linhas tristes deixa transparecer o seu desalento, em face dos espetáculos dolorosos de ruina e de sangue, que ressurgem no mundo.

“A Humberto de Campos, onde estiver”.

A epígrafe e o endereço de sua missiva afeituosa tocaram-me as fibras mais sensíveis do coração, por demonstrarem a sua certeza na minha sobrevivência.

Sim, meu irmão, eu recebi a tua palavra dolorida e cariosa, evocando os dias escuros da Terra, sentindo nos olhos redivivos o rocio das lágrimas bemfeitoras.

A tua lembrança é uma ave de melancolia, trazendo-me ao coração a suave mensagem de um afeto que não se confundiu nas esperanças mortas.

De todos os apelos por mim recebidos do mundo, após a travessia das aguas enigmáticas do rio da morte, o teu foi talvez o mais profundo e o mais agradavel á minh'alma. Não me procuraste, obedecendo ao convencionalismo social, junto á lapi-de singela que me guarda os despojos junto aos túmulos suntuosos de São João Batista, onde se recolhem os ossos da aristocracia de ouro da cidade maravilhosa; não me buscaste eomo os Tomés da fenomenologia espiritista, perguntando o numero exato dos soldados comandados por Anibal (1), na segunda guerra púnica, na falsa suposição de que a morte representa para nós outros um banho prodigioso de sabedoria e nem me pediste o milagre da felicidade sobre a face da Terra.

Caminhando comigo nas avenidas do pensamento, através das humildes edificações dos meus

(1) ANIBAL — um dos maiores generais cartagineses (247 antes da era cristã), inimigo dos Romanos — que muito combateu e afinal dominou.

São chamadas púnicas as treis guerras havidas entre cartígezes e Romanos, nome que era o da lingua (púnica) falada por aqueles.

Anibal, depois de coberto de glórias e homenagens em sua Pátria, teve alternativas, e chegou, por traições, a correr risco de ser entregue a inimigos.

Para evitar que tal sucedesse, envenenou-se, já sexagenario.

livros, procuraste a minh'alma nas mais afetuosa recordações.

Marinheiro valoroso do oceano das idéias, contemplaste o céu, pesado de nuvens tempestuosas, lembrando o companheiro que desapareceu no dorso da onda traíçoeira, no misterioso silêncio da noite, para ressurgir na alvorada de uma vida melhor.

E, agradecendo a dádiva de Jesus que me permitiu acudir á tua recordação amiga, estive espiritualmente contigo, antes que molhasses a pena no coração amargurado para me endereçar a tua carta carinhosa. Ouvindo as tuas considerações íntimas, quando manuseiavas a bíblia de angústia da minha vida, desejei intensamente imitar o gesto famoso de Ulysses, no palacio de Alcino, quando o canto de Demódoco (1) fe-lo chorar com a descrição de seus sofrimentos, repassada de louvores ao heroísmo dos companheiros mortos.

Presencendo os movimentos homicidas, que se desenrolam na Europa, sentes o frio mortal de todos os corações bem formados que observam, estarrecidos, o crepúsculo desta civilização que se despenha nos desfiladeiros dos milênios, como mais um fruto apodrecido.

(1) — ALCINO — rei dos Teacianos, povo fabuloso mencionado da *Odisséia*, de Homero, o velho poeta grego.

No palacio desse rei foi que Ulisses, o rei legendario, teve acolhida, quando regressou de Troia.

A *Odisséia*, que tem em Ulisses a sua figura central, é rica em detalhes sobre o caso aludido.

Por toda parte é morticínio e destruição. A força faz sentir o peso terrível de seus postulados de violência numa de suas mais singulares alternativas na história do direito.

A cultura intelectual experimenta o insulto de todas as energias das sendas tenebrosas.

Dizia Renan que o "o cerebro queimado pelo raciocínio tem sede de simplicidade, como o deserto tem sede de agua pura". E nós observamos que a ciência do mundo, nas suas explosões de inconsciência, se reduz, agora, a um punhado de escombros.

O antigo continente, fonte desta civilização que se perde, à mingua da agua pura da fé no deserto das ambições desmedidas, dá a idéia de um novo inferno, onde o Diabo désse a beber aos espíritos o vinho sinistro da ruína e da morte.

Meditando nas bôcas de fôgo, assestadas para as mulheres e criancinhas indefesas, perguntas-me se cheguei a ouvir falar "ao tempo em que vivia mortalmente, em guerras sem declaração, invasões sem anúncio, conquistas sem ideal", no desdobramento das ações malignas, levadas a efeito pela nossa geração, condenada no berço pela suas inquietações desesperadas.

Sim, meu amigo, a morte não me ocultou a porta da analise relativamente aos nossos panoramas tristes e sombrios.

O repouso absoluto no túmulo é a mais enganosa de todas as imagens que o homem inventou para a sua imaginação atormentada.

Atravessada a fronteira de cinzas do sepulcro, sentimo-nos dentro do santuário das mais profundas revelações.

A luz suave e tranquila da verdade confunde-nos todos os enganos.

Aí na Terra, prevalecem as convenções sociais, os imperativos de ordem econômica e a claridade falsa do artificialismo das gloríolas mundanas. Aqui, porém, é a revelação da espiritualidade pura.

O mundo esqueceu a fonte preciosa da fé, submerso no abismo dos raciocínios mais sombrios.

A atualidade é um campo de batalha, onde se glorificam todos os símbolos da força bruta e onde todas as florações do sentimento estão condenadas ao extermínio.

Contrariamente ás tuas suposições, vemos, igualmente, os quadros angustiosos e sinistros.

Sentimos as preces aflitas dos corações maternos, dilacerados nas suas mais cariciosas esperanças. Contemplamos essa juventude envenenada, que caminha para a morte, glorificando a imagem infeliz de D'Anunzio, quando preconizava para os moços da época a ponta da baioneta, como o primeiro e ultimo amor.

Mais que isso, podemos observar, de perto, as agonias silenciosas dos lares abandonados e desprotegidos, que balançam na árvore da vida, arrancados pelas mãos impiedosas dos novos bárbaros que ameaçam as bases cristãs, de que a nossa

civilização fugiu, um dia, levada pelo egoísmo dos mais fortes.

Ante as sombras dolorosas que invadem o mundo velho, sinto contigo o frio do crepúsculo, preludiando a noite de tempestade, cheia de amarguras e de assombros.

Dentro, porém, de nossa angústia, somos obrigados a recordar que a nossa geração de perversidade e descrença está condenada, por si mesma, aos mais dolorosos movimentos de destruição.

O mundo cogitou de ciência, mas esqueceu a consciência, ilustrou o cérebro e esqueceu o coração, organizou tratados de teologia e de política, fazendo taboa raza de todos os valores da sinceridade e da confiança.

E' por isso que vemos o polvo da guerra envolver os corações desesperados, em seus tentáculos monstruosos, enquanto há gigantes da nova barbaria, preferindo discursos bélicos, em nome de Deus, e sacerdotes abençoando, em nome do Céu, as armas da carnificina.

Os sociólogos mais atilados não conseguem estabelecer a extensão dos fenômenos dolorosos que invadem os departamentos do mundo.

A embriaguez de ruina mobiliza os furacões destruidores das novas tiranias sobre a fronte dos homens, e nós acompanharemos a torrente das dores com as nossas lágrimas, porque fizemos jússus a essas agonias amarguradas e sinistras, em virtu-

de do nosso esquecimento da lei do amor, no passado espiritual.

A hora que passa é um rosário de soluços apocalípticos, porque merecemos as mais tristes provações coletivas, dentro das nossas características de espíritos ingratos, pois as angustias humanas não ocorrem à revelia d'Aquele que acendeu a luz da magedoura e do calvário, clarificando os séculos terrestres.

Das culminâncias espirituais, Jesus contempla o seu rebanho de ovelhas tresmalhadas e segue o curso dos acontecimentos dos mundos, com a mesma divina melancolia que assinalou a sua passagem sobre as urzes da Terra.

Enevoados de lágrimas sublimes, seus olhos contemplam os canhões e os prostíbulos da guerra, os gabinetes de despotismo e da ambição, os hospitais de sangue, no centro dos cadáveres insepultos e, observando a extensão de nossas misérias, exclama como Jeremias: — "Oh! Jerusalém!... Jerusalém!..."

E nós, operários obscuros do plano espiritual, buscamos disseminar a nova consolação, junto aos que sucumbem ou fraquejam.

O Evangelho é a nossa bússola, e não nos detemos para a lamentação, porque, hoje, meu amigo, eu sei orar, de novo, juntando as mãos em rogativa, como no tempo da infância em Parnaíba, quando a simplicidade infantil me enfeitava o coração.

Aqui, oramos, trabalhamos e esperamos, porque sabemos que Jesus é o fundamento eterno da Verdade e que um dia, como Príncipe da Paz, instalará sobre a Terra dos lobos o redil de suas ovelhas abençoadas, e mansas.

Nessa éra nova, vel-O-emos outra vez, nos seus ensinos redivivos, espalhando a esperança e a fé, confundindo quantos mentiram á Humanidade em seu nome.

Antes, porém, que o novo sol resplenda nos horizontes do orbe, seremos reunidos no plano espiritual para sentir as vibrações suaves do seu amor infinito.

Nesse dia, meu irmão, certamente o Senhor fará descer as suas bençãos compassivas sobre o teu coração generoso e fraternal. Mensageiros de piedade e de luz hão de esperar teu espírito carinhoso, no limiar do sepulcro e, contemplando a claridade imortal da vida verdadeira, ouvirás uma voz, terna e carinhosa, que murmurará aos teus ouvidos:

— “Gastão Penalva, sé bemvindo ao reino da paz, tu que choraste com as viúvas e com os órfãos, sonhando a concordia no caminho dos homens!... Retempera as tuas energias, porque o trabalho não findou na estrada interminável da Vida. Sob as bençãos de Deus, lutarás pela nova redenção, ao longo do Infinito!... Poderás reno-

var as tuas aspirações, dilatando os teus esforços, porque o salário do bom trabalhador está reservado nos céus aos operários sinceros e devotados de todas as crenças que iluminam a noite dos corações atormentados do planeta terrestre!...”.

Então, meu amigo, o orvalho brando das lágrimas lavará todas as recordações penosas dos dias de incompreensão e de amargura que viveste no mundo, e uma nova luz balsamizará o teu íntimo, onde florescerão os lírios perfumados do amor e da divina esperança. — *Humberto de Campos.*

(Recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em 6 de Outubro de 1939).